

AUTORA DE PAIXÃO SEM LIMITES

ABBIGLINES

Para sempre
MINHA





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*A todos os leitores que já perderam uma pessoa amada.
Que seus corações encontrem a paz por meio do amor incondicional.*

PRÓLOGO

TRIPP

Todo mundo tem um momento decisivo na vida. Eu já tive esse momento, e ele tem me perseguido desde então. A vida é assim mesmo. Ou você encontra a estrada certa para a felicidade ou lamenta cada passo. No meu caso, não sei qual estrada teria sido a melhor, porque, entre as alternativas, nenhuma incluía *ela*.

Eu era jovem e tinha medo. Medo de ser obrigado a ser alguém que eu não queria ser. Medo de fazer a escolha errada. Medo de deixá-la. Acima de tudo, tinha medo de perdê-la.

O que houve com ela é meu maior arrependimento. Abandoná-la mudou minha vida. No momento em que subi na minha moto e saí de Rosemary Beach, deixei para trás a verdadeira felicidade. Passei apenas um verão com Bethy, três meses que me mudaram para sempre. E eu também mudei a vida dela, de uma forma pela qual nunca vou me perdoar.

Ela ficou desiludida. E tão distante que eu já não podia alcançá-la.

Vê-la sofrer partiu meu coração. Perder meu primo Jace foi muito doloroso para nós. Ele sempre estará comigo. Nunca vou me esquecer de sua risada e da maneira como ele amava a vida. Jace não conhecia o meu mundo de dor. Escolheu seu caminho e seguiu em frente. Ele era o melhor. E eu me afastei para que ele ficasse com ela.

Ela merecia o melhor.

De repente ele não estava mais aqui e nossos mundos estavam virados de cabeça para baixo. Porque eu já não conseguia ficar longe, e não havia ninguém para protegê-la, e ela não deixava que eu me aproximasse. Não me deixava corrigir o passado. Eu tinha destruído qualquer esperança quando fui embora e a deixei sem opção além de ficar com Jace.

Se ao menos eu pudesse abraçar a solidão e aceitar isso. Mas não consegui. Não depois que vi seu rosto, tão lindo e tão distante. Ela precisava tanto de mim quanto eu dela. Nossa história não havia terminado. Jamais terminaria. Se eu tivesse que ficar ali e cuidar dela, mesmo que ela não quisesse, eu ficaria. Pelo resto da minha vida. Ficaria exatamente ali, garantindo que minha Bethy estaria bem.

TRIPP

Oito anos antes

Não era apenas mais um verão. Era meu último verão em Rosemary Beach. Eu já sentia a presença sufocante dos planos de meu pai para mim. Ele estava certo de que eu partiria para Yale no outono. Eu seria aceito, é lógico, graças aos seus contatos. Ele me obrigaria a participar de uma visita pelo campus e, uma vez lá, me forçaria a me matricular. “Ninguém recusa Yale.” Não havia outro assunto para o meu pai. Yale isso, Yale aquilo. Maldita Yale.

Eu queria estar na minha Harley. Queria outra tatuagem. Queria sentir o vento no cabelo e não ter lugar para ir. Isso era liberdade. Antes de o verão terminar, eu ia cair fora sem avisar ninguém. Deixaria para trás o dinheiro e o poder dos Newarks e encontraria o meu próprio caminho. Aquele não era o meu mundo. Eu jamais me encaixaria ali.

– Oi, querido, não vi você chegar – disse London Winchester enquanto passava os braços em torno do meu pescoço.

Este era outro motivo para eu ir embora daquela merda: London. Minha mãe já estava planejando o nosso casamento. O fato de eu ter terminado com ela no mês anterior não fazia a menor diferença. London e nossas mães acreditavam que eu só estava passando por uma fase. Minha mãe dizia que estava tudo bem se eu caísse na gandaia durante o verão. London teria paciência.

– Cadê o Rush? – perguntei, olhando a casa cheia de gente.

Rush Finlay estava dando outra festa. Ou seja, a mãe e a irmã caçula dele, Nan, deviam estar viajando. Rush era o dono da casa. O pai dele era o baterista da lendária banda de rock Slacker Demon. A mãe e a irmã aproveitavam toda a grana de Rush. Nan era filha de outro pai, que também era ausente.

– Lá fora, na piscina. Quer que eu o acompanhe? – perguntou London docemente.

Aquele tom era tão falso que chegava a ser ridículo. A garota era venenosa.

– Posso encontrá-lo sozinho – respondi, me livrando dela sem olhar para trás.

– Sério? É assim que vai ser? Eu não vou ficar esperando por você para sempre, Tripp Newark! – gritou London.

– Ótimo – respondi calmamente por cima do ombro, indo para o meio da galera.

Tínhamos ficado juntos por dois anos. Ela era uma boa trepada, e cheguei a pensar que talvez fosse mesmo a mulher para mim. Até compreender que não a amava. Simplesmente a tolerava. Quando encarei os fatos, percebi que a mantinha por perto para agradar meus pais. Mas estava farto daquilo. Estava cansado de agradar meus pais.

– Tripp! – Woods Kerrington me chamou. Uma roda de garotas o cercava.

Segurando o riso, me aproximei dele.

– O que está rolando de bom?

– Por enquanto, nada. Mas, com sorte, vai rolar em breve lá no meu quarto.

Eu tive que rir da resposta.

– Jace está lá fora com Rush e Grant se estiver procurando por ele.

– Obrigado.

Jace era meu primo mais novo. Woods era o melhor amigo dele. Os dois faziam parte da minha vida desde sempre. Contornando a galera, eu me dirigi à porta dos fundos.

– Para com isso. Eu disse não, Jonathon. Não estou a fim.

Parei. Aquilo não parecia bom.

– Eu trouxe você para cá esta noite e não vou receber nem um agradecimento por isso?

O cara estava irritado e parecia um idiota. A garota não respondeu. Continuei parado do lado de fora da cozinha. Reconheci o tal de Jonathon com quem a garota estava falando. Era instrutor de tênis no country club Kerrington, que era propriedade da família do Wood. Todo

mundo sabia que ele era um babaca e que havia comido a maioria das mulheres da cidade. Se ele tentasse se aproveitar daquela garota, eu faria questão de botá-lo no olho da rua.

– Eu só... Eu não sabia... Eu quero sair daqui.

Percebi naquele fiapo de voz que ela estava com medo.

– Ah, nem vem com esse papo, sua vadia. Não me interessa que você seja gostosa, não vou ficar aturando essa merda. Você pode encontrar a saída sozinha – rosnou Jonathon.

Caminhei em direção à porta quando o cara se mandou por ali. Cretino de merda.

Empurrei ele de volta para a cozinha. Eu o obrigaria a se desculpar por agir feito um idiota antes de botá-lo para fora. Duvido que Rush soubesse que ele estava ali. Jonathon não fazia parte do nosso grupo de amigos. No entanto, entre as mulheres que ele havia comido, estavam algumas de nossas mães.

Estava na hora de ele aprender uma coisinha. Alguém deveria ter instruído a pobrezinha a não se meter com funcionários do clube. Talvez isso lhe servisse de lição.

– Que merda é essa? – gritou ele, e seus olhos se arregalaram quando percebeu quem eu era. Meu pai era da direção do Kerrington Club. Se eu quisesse, ele seria demitido com apenas uma palavra.

– Era o que estava me perguntando, Jonathon. Que merda é essa? O que você está fazendo na casa do Finlay e por que está tratando essa garota assim? Ela é muito novinha para você? Sei que você prefere as quarentonas...

Eu queria vê-lo na rua. Um passo em falso era tudo de que eu precisava para que ele fosse demitido, sem dó nem piedade.

– Eu não... quero dizer, eu fui convidado. Recebi um convite. Ela é só a sobrinha de uma mulher que trabalha no clube. Ela não é ninguém.

Olhando para a garota, eu a reconheci pelos enormes olhos castanhos. Era Bethy, sobrinha de Darla. Eu já a havia visto antes. Caramba, era difícil não notá-la. Seus seios eram perfeitos, mas o rosto doce e o olhar inocente me deixaram na minha. Além disso, Darla era assustadora. Ela cuidava do departamento pessoal do clube e estava lá desde sempre.

– Bethy, não é? – perguntei. Seus olhos ficaram ainda maiores quando ela assentiu. – Esse cara é um otário. Você não devia confiar nele. Preste atenção antes de aceitar convites de estranhos.

– Você conhece ela? – perguntou Jonathon, incrédulo, como se ela fosse muito inferior para que eu a notasse.

Aquele merda estava acabando com a minha paciência.

– Sim. Conheço a tia dela. A mulher que contratou você, seu infeliz. Como será que ela reagiria se soubesse que você chateou a sobrinha dela?

O medo de Jonathon era óbvio. Ele tinha uma boa boca no clube e não ia querer perdê-la.

– Vá embora e não volte aqui. Se o Finlay souber disso, você vai receber bem mais que uma advertência. Ele vai arrebentar você. Ele gosta da Darla. Todos nós gostamos. Fique bem longe da sobrinha dela.

Jonathon se voltou para Bethy. Tinha um brilho furioso nos olhos. Ela recuou um pouco mais, aumentando a distância dele, até que suas costas encontraram a parede. O otário a estava assustando.

Eu me coloquei entre os dois e o encarei.

– Saia daqui agora.

Percebi que ele estava se esforçando ao máximo para manter a boca fechada. Fiquei observando enquanto ele resmungava e saía da cozinha.

– Não pare até sair desta propriedade – gritei.

Quando ele desapareceu, eu me virei para Bethy. Ela parecia muito nervosa. Eu havia botado o idiota para fora. Por que ela estava preocupada?

– Tudo bem? – perguntei.

Ela mordeu o lábio inferior e franziu a testa.

– Eu, hum, não sei.

Ela não sabia? Não consegui evitar uma risada. Bethy era uma gracinha, mas muito jovem.

– Por que não sabe? – perguntei.

Curti a maneira como ela falava. Tinha a voz rouca, mas doce. Ela soltou um pequeno suspiro e olhou para o chão.

– Ele era minha carona. Eu não moro perto daqui.

Como se eu fosse deixá-la voltar ao carro daquele desgraçado. Ele devia ser uns quatro anos mais velho do que ela. Era mais velho que eu.

– Eu dou uma carona para você. Pode confiar em mim. Mas fique lon-

ge do Jonathon. Ele é velho demais para você. O cara iria para a cadeia se tocasse em você.

Ela levantou o olhar para mim.

– Eu tenho quase 17 anos – disse ela, como se isso já fosse idade suficiente, embora ela fosse um pouco mais velha do que eu esperava.

Era muito expressiva. Gostei disso. Não tentava aumentar os cílios ou pintar os lábios para parecer sexy. Ela era natural. Havia quanto tempo eu não andava com uma garota assim? Por outro lado, era muito novinha e havia sido criada num mundo muito diferente do meu.

– Certo. Mas ele tem quase 20. Não devia ter se aproximado de você.

Ela pareceu murchar, mas assentiu. Não queria ficar com ele, queria? Que merda, o que Darla estava ensinando para aquela garota?

– Desculpe por ter posto o cara para fora, mas ele estava tratando você mal.

Uma covinha apareceu na bochecha dela.

– Ah, não peça desculpas por isso. Ele queria me levar para um quarto e...

Ela se calou. Não precisava explicar. Eu sabia muito bem o que ele queria fazer no quarto com ela.

– Vamos lá. Vou levar você de volta para casa.

BETHY

Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! Ah, meu Deus!
Tripp Newark estava falando comigo! Estava realmente olhando para mim e falando comigo! Estava difícil respirar. Quando ele empurrou Jonathon de volta para a cozinha, parecendo um anjo vingador, meu coração começou a disparar.

Ele era o homem mais bonito que eu já tinha visto na vida. Eu tinha apenas 10 anos quando o vi pela primeira vez no clube. Estava tentando carregar a bandeja de bebidas para a tia Darla, porque ela estava brava comigo por ter corrido do lado de fora, na frente dos membros do clube, em vez de ficar sentada em seu escritório. Achei que, se ajudasse, ela ficaria contente outra vez.

O problema é que eu não conseguia carregar as caixas das bebidas porque eram muito pesadas. Assim, carreguei quatro bebidas por vez do refrigerador até a bandeja. Estava muito calor do lado de fora. Minutos depois, já estava exausta e acabei tropeçando em um degrau, derubando todas as garrafas de cerveja. Os cacos se espalharam por todo lado.

Eu tive certeza de que tia Darla nunca me deixaria voltar e ficar lá com ela. Eu continuaria presa com a velha vizinha fedorenta no apartamento ao lado, que gritava o tempo todo comigo enquanto papai estava trabalhando.

Tripp estava passando por ali e viu minha bagunça. Sem falar nada, começou a limpar tudo. Eu fiquei ali, impressionada com sua bermuda cáqui e a camisa polo branca. Parecia um modelo de revista. Quando ele me olhou e piscou o olho, meu coraçãozinho de 10 anos de idade se perdeu.

Aquela tinha sido nossa última interação, apesar de eu ter observado ele de longe por todos esses anos. Ele era o homem dos meus sonhos. E agora estava ali, me salvando.

Fui atrás dele. Quando Tripp viu aquela gente toda reunida na sala, pegou a minha mão. Tripp Montgomery Newark estava segurando minha mão. Se eu morresse hoje, estaria tudo bem. Minha vida já estava completa.

Ele abriu caminho no meio do pessoal, de mãos dadas comigo. Alguns chamaram seu nome e muitos olharam curiosos quando o viram me puxando atrás de si. Não sabia o que fazer com aquela atenção. Eram pessoas que eu havia passado a vida inteira observando, mas eles jamais repararam em mim.

– O que você está fazendo? – perguntou London, horrorizada, assim que a gente se desvencilhou daquelas pessoas.

Aquilo não era nada bom. Tripp e London eram um casal havia anos. Todo mundo sabia disso. Quando soube que ele terminou com London, sorri feito uma idiota por uma semana. O que foi mesmo uma bobeira da minha parte. Não havia chance de Tripp perceber que eu existia, mesmo agora que London estava fora da jogada.

– Indo embora – respondeu Tripp, sem olhar para ela.

– Você está indo embora com ela? – perguntou London, ainda mais horrorizada.

Tripp soltou a minha mão e abriu a porta da frente.

– Sim.

– Quem é ela? – perguntou London, parecendo furiosa.

– Não é da sua conta – respondeu ele. – Vamos, linda.

Ele estava me chamando de linda. Eu estava seriamente perto de um desmaio. Ali mesmo, naquele chão de mármore.

– Tripp, não saia por essa porta! – advertiu London.

Tripp não esboçou uma reação. Em vez disso, me deu passagem, antes que London decidisse se jogar em cima de mim.

– Não dê bola para ela – sussurrou ele.

Era como se tivéssemos um segredo. Estremeci. Ele fechou a porta na cara de London, que falava sem parar, e soltou um suspiro de alívio.

– Como ela é chata!

Ele não parecia um homem preocupado com a separação. Isso era bom. Eu queria dizer algo divertido, que fizesse ele me querer por perto. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Tripp perguntou:

– Já andou de moto alguma vez?

Ele pilotava uma Harley. Todo mundo sabia disso, mas eu jamais havia pensado em andar nela. A noite estava ficando cada vez melhor.

– Não – respondi, tentando não mostrar no rosto a completa sensação de vertigem.

– Então vai ser sua primeira vez – disse ele, piscando para mim.

Meu coração parou. Tripp tinha acabado de piscar para mim. Eu havia me preocupado tanto com essa noite. Não estava certa quanto a Jonathon, mas queria ver como a outra metade do clube se divertia. Nunca imaginei que andaria de mãos dadas com Tripp, que ele piscaria para mim e que andaria na garupa da moto dele. Estava sendo a noite mais épica da minha vida.

– Está bem – consegui dizer, sem tropeçar nas sílabas.

Ele sorriu, e foi perfeito. Eu adorava o sorriso dele. Ele me passou um capacete.

– Coloque isto.

Como nunca havia usado um capacete, segurei o negócio e o estudei por um momento. Não queria colocar errado. Estava convencida de que precisava apertar a alça embaixo do queixo.

A mão de Tripp se aproximou e tirou o capacete de mim. Olhei para cima, com medo de ter demorado demais e que ele tivesse mudado de ideia.

– Desculpe. Foi mal. Eu devia ter feito isso por você. Você nunca andou de moto antes.

Ele colocou o capacete da maneira correta e ajustou as alças. Estava tão próximo que podia sentir seu cheiro. Era um cheiro maravilhoso, que imaginei ser uma mistura de colônia e maresia. Inspirei profundamente enquanto ele ajustava o capacete.

– Agora você está pronta. Esta cabeça linda está segura – comentou ele, dando um passo para trás e jogando uma perna sobre a moto. – Segure nos meus ombros e suba na traseira. Agarre-se em mim o mais forte que puder.

Ele acabara de dizer que a minha cabeça era *linda*. Eu não conseguia pensar em mais nada naquele momento. Estava muito concentrada naquilo. Será que eu estava acordada? Será que era só um dos meus sonhos? Se era, era um dos bons. Só que não estávamos nos beijando... ainda. Os sonhos de que eu mais gostava eram aqueles em que nos beijávamos.

Coloquei as mãos sobre seus ombros, como ele disse, e me senti atrás dele. Ele disse para me segurar firme, mas será que queria dizer nos ombros? Já havia visto gente de moto o suficiente para saber que a carona normalmente passava os braços em torno dos condutores, mas não sabia se Tripp queria que eu fizesse isso. Antes que eu pudesse pensar mais a respeito, ele se voltou para trás e colocou meus braços em torno de seu peito.

– Segure firme, linda – repetiu ele e eu obedeci.

Eu senti o calor das costas dele contra o meu peito e tudo começou a formigar. Minha sorte era que já estava escuro e ele não podia ver quanto meu corpo estava gostando daquilo.

A Harley ganhou vida e partimos. Meu abraço em torno de Tripp se apertou instantaneamente quando ele acelerou em direção à via principal. Meu coração batia tão rápido que eu tinha certeza de que ele podia senti-lo. Aquilo era emocionante. Eu nunca tinha feito algo tão perigoso. Eu era responsável.

Meu pai não ficava muito por perto e, quando ficava, não me queria por ali. Eu o lembrava constantemente da minha mãe, a mulher que o deixou com uma filha e fugiu com outro homem. Ele a odiava por tê-lo abandonado, sem se importar com o que eu sentia. Ele era egoísta, mas minha mãe também era. Então, eu queria provar que não era igual a ela.

Tia Darla ficaria muito decepcionada comigo agora, mas não tive culpa. Era uma experiência daquelas que acontecem uma vez na vida. Garotas como eu não sobem na garupa da moto de Tripp. Ele era inatingível. E, naquela noite, ele havia me visto. Havia me salvado. De novo.

Eu tinha certeza de que jamais haveria um homem comparável a Tripp. E eu era só mais uma garota do acampamento de trailers. Alguém que ele não teria notado, se não fosse por tia Darla. Ele gostava dela. Estava fazendo isso por ela.

Ainda que precisasse me lembrar disso, não queria pensar assim na-

quele momento. Eu só queria guardar na memória a delícia de sentir seu corpo contra o meu. Os músculos tensos do seu abdômen se enrijecendo quando entrou na rua que nos levava ao clube e à parte mais rica da cidade. Eu morava do outro lado. Em toda a empolgação de ser conduzida por Tripp, tinha me esquecido de dizer a ele onde eu morava. Meu trailer não ficava em Rosemary Beach. Não havia trailers em Rosemary Beach. O custo médio de uma casa ali começava em 5 milhões de dólares. Meu trailer ficava ao norte da cidade.

Eu podia pedir que ele me levasse ao clube. Tia Darla ainda estaria trabalhando. Ela morava mais perto, porque o Sr. Kerrington lhe oferecera um apartamento na propriedade. Ela ficaria zangada comigo se eu explicasse o que aconteceu, mas eu não podia pedir que Tripp me levasse até onde eu morava. Era longe demais.

– Você pode me levar até o escritório de tia Darla – pedi a ele, chegando perto o suficiente de sua orelha para que ele pudesse me ouvir contra o vento.

Ele virou a cabeça levemente para a direita, mais perto de mim.

– Eu sei onde fica o apartamento dela. Pensei que você morasse lá.

Bem que eu gostaria. A vida seria bem mais simples se eu morasse. Tia Darla era a única pessoa que me amava incondicionalmente.

– Não, mas tudo bem. Eu moro muito longe. Vou ficar com ela hoje.

Primeiro, Tripp não respondeu. Então, reduziu a velocidade e parou em um posto de gasolina. Quando ele parou, tive um momento de pânico, porque não sabia o que devia fazer com minhas pernas. Eu não queria fazer a moto dele cair. Isso seria horrível.

Tripp colocou as duas pernas no chão. A visão dele sob as luzes do posto, aquele corpo maravilhoso montado na Harley, era mais uma imagem que eu guardaria na memória.

Então ele se virou para mim.

– A Darla vai ficar zangada com você por causa disso?

Eu podia mentir para ele, mas alguma coisa nos olhos dele fazia você contar tudo. Então encolhi os ombros e fiquei calada. Um sorrisinho apareceu em seus lábios perfeitamente desenhados, e minha atenção se concentrou na boca dele. O lábio inferior era um pouco mais cheio que o superior, mas a diferença era tão pequena que a maioria das pessoas não

notaria. Eu estava obcecada com ele e notava tudo. Em alguns dos meus sonhos, eu chupava aquele lábio inferior.

– Bethy?

A voz dele interrompeu minhas fantasias. O sorrisinho não estava mais lá. Ele parecia estar se divertindo.

– Sim? – perguntei feito uma idiota. Ele me pegou fitando sua boca.

– Você não prefere que eu leve você para casa? Eu não me importo. Você teve uma noite dura. Não quero que você tenha que enfrentar uma Darla zangada.

Ela ficaria zangada. Eu nem saberia dizer o que a irritaria mais: eu ter ido à festa na casa de Rush Finlay com Jonathon ou voltar na garupa da moto de Tripp.

– Eu moro a meia hora daqui – expliquei, detendo o olhar no chão marcado de óleo em vez de encarar os olhos dele. Não tive coragem de arriscar me perder sonhando acordada de novo.

– Com seus pais? – perguntou ele.

– Meu pai.

Ele soltou um assobio baixinho.

– Pai ou Darla? Qual dos dois vai ficar mais bravo?

Soltei um suspiro. Meu pai ficava na rua na maioria das noites de sexta e sábado, já que não precisaria trabalhar no dia seguinte.

– Darla. Meu pai não vai estar em casa hoje.

Tripp não respondeu imediatamente, então estudei o chão enquanto esperava ele se decidir. Voltar ao meu trailer era a melhor opção para mim, mas eu me sentiria mal fazendo Tripp gastar gasolina e tempo com isso.

– Você costuma ficar em casa sozinha?

A preocupação em sua voz me surpreendeu. Levantei os olhos para ele, que estava com o cenho franzido.

– Só nos fins de semana – respondi, e a testa dele franziu ainda mais.

– Não é seguro. – Ele soltou um suspiro e balançou a cabeça. – Vou levar você até Darla. Vou me sentir melhor assim. Você não devia ficar sozinha em casa nos fins de semana.

Por que ele agia como seu eu ainda tivesse 10 anos? Eu parecia uma criança?

– Vou fazer 17 anos em setembro. Não sou uma criança. Passei os fins de semana sozinha em casa a maior parte da minha vida.

Eu estava um pouco chateada. Não queria que ele me visse como uma criança. Estava no penúltimo ano do colégio.

Um sorriso ameaçou surgir nos seus lábios, mas ele segurou. Pude perceber o esforço dele. Se não fosse tão cruelmente lindo, eu desceria daquela moto e pegaria uma carona para casa. Já tinha feito isso antes.

– Nunca disse que você era uma criança, Bethy. Não foi nisso que pensei quando disse que não era seguro.

Tudo o que bastou foi ver aquele olhar sexy e ouvir aquela voz grave e quente para ficar totalmente à disposição dele outra vez, encantada. Eu iria aonde ele quisesse ir.

– Está bem – respondi.

Ele riu desta vez, e então se virou para ligar a moto de novo.

– Segure firme.

Quando meus braços se enlaçaram nele, voltamos para a via escura que levava ao clube. Naquela noite, eu enfrentaria a ira de tia Darla, mas valeria a pena.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br